

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
E LITERATURA

SAMUEL DE CAMARGO

**MONTEIRO LOBATO ENTRE PRECONCEITOS E CONTRIBUIÇÕES:  
A UTILIZAÇÃO DAS OBRAS DO AUTOR NA EDUCAÇÃO BÁSICA  
CONTEMPORÂNEA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2020

SAMUEL DE CAMARGO

**MONTEIRO LOBATO ENTRE PRECONCEITOS E CONTRIBUIÇÕES:**

**A utilização das obras do autor na educação básica contemporânea**

Monografia de Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura-2019, a distância, pela UAB/UTFPR, do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba, como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura”.

Orientadora: Profa. Dra. Alice Atsuko Matsuda

CURITIBA - PR

2020

# TERMO DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



**Monteiro Lobato entre preconceitos e contribuições: a utilização do autor na educação básica contemporânea**

por

**SAMUEL DE CAMARGO**

Esta monografia foi apresentada às 15:30 do 1 de setembro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** – Polo de Indaial - SC, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**

Alice Atsuko Matsuda

marcio matiassi cantarin

Marcelo Fernando de Lima

a autenticidade deste documento pode ser verificada através da URL:  
<http://certificados.utfpr.edu.br/validar/44CCF0F2>

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado aos meus alunos e alunas.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos Deus Trino e Uno.

A minha mãe, Irene Marcia, e ao meu pai, Antonio Carlos, pelos cuidados e educação.

A minha esposa, Mariana Saionara, pelo apoio.

Aos meus filhos, Anyelle e Gabriel, pelo amor incondicional que me faz querer melhor a cada dia.

À Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), pela oportunidade.

Ao Tutor, Prof. Me. Célio Sardagna, pelo incentivo a não desistir do curso.

Aos professores, por suas ricas contribuições.

À professora Dra. Alice Atsuko Matsuda, pelas orientações na construção da monografia.

Aos professores que constituirão a banca.

## RESUMO

Monteiro Lobato é considerado pela academia o precursor da Literatura Infantojuvenil no Brasil, o marco da literatura como arte e não com a visão pedagogizante. No entanto, recentemente, foi alvo de polêmica por conter expressões racistas e uma visão eugenista. Portanto, a presente pesquisa pretende, como objetivo, analisar quais são os motivos da inadequação das obras de Monteiro Lobato na sala de aula, buscando não esgotar o tema da literatura infantojuvenil lobatiana, mas sim, analisar as contribuições do autor e as justificativas apresentadas ao Poder Judiciário para a censura e/ou exclusão do autor das salas de aulas e se elas se justificam ou, se em seus textos, o autor busca representar a ideologia social de seu tempo. Problematisa-se, portanto, qual a coerência do discurso para a censura ao autor? Para isso, baseia-se nas contribuições de Lajolo e Ceccantini (2009), Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013) Alves Filho (2016), Romano (2010) e Rodrigues Júnior (2007), entre outros estudiosos.

**Palavras-chave:** Monteiro Lobato. Preconceito racial. Pedagogia. Lobato em sala de aula.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 MONTEIRO LOBATO ENTRE PRECONCEITOS E CONTRIBUIÇÕES: A UTILIZAÇÃO DO AUTOR NA EDUCAÇÃO BÁSICA CONTEMPORÂNEA.....	10
2.1 Monteiro Lobato e a Literatura Infantojuvenil Brasileira .....	10
2.2 O Preconceito Racial de Lobato: Evidências e Seus Paradoxos .....	13
2.3 As Contribuições de Monteiro Lobato em Sala de Aula.....	18
3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	21
3.1 O problema do racismo .....	21
3.2 O Contato com a Literatura Clássica e o despertar da Imaginação .....	24
3.3 A Formação da Leitura Lúdica e os Gêneros Textuais .....	25
3.4 As Múltiplas Formas do Conhecimento .....	27
3.5 A Interdisciplinaridade no Sítio do Pipapau Amarelo.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	32

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo surge como parte final do curso de Pós-graduação (*lato sensu*) em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba (URFPR – CT), na linha de pesquisa Literatura Infantil e Juvenil: Análise Literária e Formação do Leitor, em que se aborda o tema “Literatura infantojuvenil de Monteiro Lobato”.

O estudo busca respostas às seguintes questões: - Quais as justificativas e inadequações de excluir Lobato das salas de aulas? Por que Lobato foi considerado inadequado para sala de aula pelo Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (IARA) junto ao Ministério da Educação e posteriormente ao Supremo Tribunal Federal, polêmica surgida em 2010 e que perdura ainda até hoje? Pretende-se descobrir quais fatores que levaram o autor a desenvolver sua literatura e como ela se imortalizou no Brasil e se ele faz apologia ao preconceito racial ou se ele descreve a realidade da sociedade brasileira da sua época.

Busca compreender a literatura infantojuvenil lobatiana, analisando-a por meio de suas obras e suas contribuições para a literatura infantojuvenil. Especialmente, porque as obras de Lobato são muitas vezes limitadas, ao senso comum, aos episódios televisivos do “Sítio do Picapau Amarelo”, embora suas contribuições vão muito além. Porém, em favor do politicamente correto, muitas de suas obras sofreram polêmicas e até indicação de censura para serem utilizadas em sala de aula por uma corrente de estudiosos. Justificando-se esse sentimento de inadequação está, aparentemente, o discurso preconceituoso racial encontrado em alguns de seus escritos. No entanto, há outras contribuições que podem ser extraídas das obras, como o despertar da imaginação da criança, que o leva a questionar essa inadequação.

Justifica-se escolha do tema o fato de Lobato representar o marco de ruptura com a literatura infantojuvenil vindas da Europa para o Brasil e marcar o início de uma literatura infantojuvenil puramente brasileira, por meio de uma nova realidade pedagógica. Não mais de livros infantis “chatos”, como expressa Narizinho, de Lobato, e Alice do País das Maravilhas, de Lewis Carroll, em que a criança era um pequeno adulto, mas revoluciona através de uma literatura híbrida, com linguagens verbais e não-verbais, despertando o interesse e a imaginação das crianças para a prática da leitura.

No entanto, parece que suas contribuições não são mais adequadas ao aluno contemporâneo, por quê? Preconceito racial? O que caracteriza o preconceito racial? Há limites para se justificar preconceito ou é algo subjetivo que depende da visão individual?



Acredita-se que Lobato pode ser muito útil para o desenvolvimento da imaginação da criança em meio a esta “geração de zumbis” tecnológicos, mostrando-lhes a realidade, além da vivenciada na loucura das grandes cidades, como na zona rural, e a história do País através da crítica lobatiana ao Brasil esquecido de seu tempo.

Dessa forma, propôs-se por objetivo geral analisar a opinião acadêmica sobre as contribuições de Monteiro Lobato na formação da literatura infantojuvenil brasileira e sua utilização em sala de aula, apesar do preconceito e eugenia a ele atribuído. Enfim, analisar quais os motivos da tentativa de exclusão de Monteiro Lobato da educação brasileira, buscando não esgotar o tema da literatura infantojuvenil lobatiana, mas sim, analisar as contribuições do autor e as justificativas apresentadas na tentativa de censurar e/ou excluir o autor das salas de aulas. Pretende-se analisar se os argumentos se justificam ou o autor busca representar ideologicamente sua sociedade da época. Qual a coerência do discurso para a censura ao autor? Para isso, pretende-se compreender o objeto a partir das contribuições dos seguintes autores: Marisa Lajolo e Ceccantini (2009), Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013) Alves Filho (2016), Romano (2010 e Rodrigues Júnior (2007), entre outros pesquisadores.

Para atender ao objetivo geral, pretendeu-se nos objetivos específicos: i) compreender a pedagogia de Monteiro Lobato e o rompimento da exportação da literatura europeia e início da literatura infantojuvenil brasileira e seus interesses literários e mercadológicos; ii) destacar o problema do racismo atribuído a Monteiro Lobato e analisar suas evidências; iii) pesquisar a hipermídia e a construção do conhecimento através de Lobato para despertar a imaginação infantil do aluno pós-moderno em sala de aula.

Para isso, adotou-se como procedimento metodológico, para desenvolver o estudo desejado, empregar a pesquisa exploratória, como levantamento bibliográfico. Pretende-se utilizar uma abordagem qualitativa nas análises dos textos, buscando entender o objeto da pesquisa sem se preocupar em quantificar os resultados obtidos. Por meio da coleta de dados em fontes bibliográficas, documental, limitando-se a compreender a vida, obra e as contribuições de Lobato em sala de aula. Busca construir a mesma fundamentada no Método hipotético-indutivo, respaldando-se nas obras de Lajolo (2009) e Santos (2011); teses e artigos científicos de demais estudiosos do tema.

Dessa forma, a pesquisa se estrutura da seguinte forma: o capítulo Monteiro Lobato entre preconceitos e contribuições: a utilização do autor na educação básica contemporânea discorre a polêmica dos preconceitos e de suas contribuições à literatura voltada às crianças e adolescentes, sendo subdividido em:

Subseção 2.1 Monteiro Lobato e a Literatura Infantojuvenil Brasileira, em que busca uma rápida análise sobre a vida de Lobato e suas contribuições para a literatura infantojuvenil, fundamentando-se na obra *Monteiro Lobato livro a livro*, organizado pela professora doutora Marisa Lajolo e pelo professor doutor João Luís Ceccantini (2009).

Subseção 2.2 – O preconceito racial de Lobato: Evidências e seus Paradoxos discute a censura a Monteiro Lobato através dos artigos *Monteiro Lobato e o politicamente correto*, dos os autores Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013) e *O racismo em Monteiro Lobato*, segundo leituras de afogadilho, do doutor Aluizio Alves Filho (2016).

Subseção 2.3 – As contribuições de Monteiro Lobato em sala de aula fundamentam-se nas contribuições da doutora Patrícia Romano, no artigo *Monteiro Lobato: um escritor a ser redescoberto na sala de aula* (2010) e no artigo *O Sítio-Labirinto do Picapau Amarelo*, de Rodrigues Júnior (2007).

No capítulo - Apresentação e Discussão dos Resultados - a partir dos dados obtidos no capítulo anterior, da obra *O Sítio do Picapau Amarelo*, traz para discussão as seguintes questões, de acordo com a subdivisão do capítulo. Ele foi subdividido em: 3.1 – O problema do racismo; 3.2 - O contato com a Literatura Clássica e o despertar da imaginação; 3.3 – A formação da Leitura Lúdica e os gêneros textuais; 3.4 – As múltiplas formas do Conhecimento; e 3.5 – A interdisciplinaridade no *Sítio do Picapau Amarelo*. E por fim, as Considerações Finais.

Conclui-se nessa pesquisa que são muitas as contribuições de Monteiro Lobato para a educação brasileira, com o poder de conduzir as crianças além do concreto, sem deixar de construir conhecimento. Sendo assim, a pesquisa defende que Lobato precisa ser lido nas salas de aula, como também, deva-se valorizar os autores brasileiros.

## **2 MONTEIRO LOBATO ENTRE PRECONCEITOS E CONTRIBUIÇÕES: A UTILIZAÇÃO DO AUTOR NA EDUCAÇÃO BÁSICA CONTEMPORÂNEA**

No presente capítulo, analisa-se o maior escritor infantojuvenil brasileiro, Monteiro Lobato. Para isso o capítulo foi dividido em três subdivisões para melhor aprofundamento da temática proposta, sendo:

Subdivisão I – Monteiro Lobato e a Literatura Infantojuvenil Brasileira, em que se busca uma rápida análise sobre a vida de Lobato e suas contribuições para a literatura infantojuvenil, fundamentando-se na obra *Monteiro Lobato livro a livro*, organizado pela professora doutora Marisa Lajolo e pelo professor doutor João Luís Ceccantini.

Subdivisão II – Preconceito Racial de Lobato: Evidências e Seus Paradoxos, discute a censura a Monteiro Lobato através dos artigos *Monteiro Lobato e o politicamente correto* (2013), dos autores Júnior; Nascimento e Eisenberg, e *O racismo em Monteiro Lobato, segundo leituras de afogadilho* (2016), do doutor Aluizio Alves Filho.

Subdivisão III - As Contribuições de Monteiro Lobato em Sala de Aula, se fundamenta nas contribuições da doutora Patrícia Romano em *Monteiro Lobato: um escritor a ser redescoberto na sala de aula* (2010) e *O Sítio-Labirinto do Picapau Amarelo: Hipermídia e Construção do Conhecimento* (2007), do professor mestre em educação Alvaro Gabriele Bento Rodrigues Junior.

### **2.1 Monteiro Lobato e a Literatura Infantojuvenil Brasileira**

José Bento Renato Monteiro Lobato, consagrado na literatura brasileira, nasceu em Taubaté/SP, em 4 de abril de 1882. O autor, conforme Ceccantini (2009), desejava seguir a artes plásticas, mas cursou direito seguindo o conselho do avô.

Formado em direito, foi nomeado como promotor público em 1906, em 1911 herdou a fazenda do seu avô, o Visconde de Taubaté, quando se dedicou exclusivamente aos seus empreendimentos.

Ao longo de sua vida, Lobato marcou a história brasileira através de suas contribuições como advogado, fazendeiro, diplomata, escritor, editor, tradutor, empresário e modernista, conforme Faria (2009) ele se mostrava um homem de temperamento polêmico.

Lobato desenvolveu contos regionalistas com *Urupês* [1918], *Cidades mortas* [1919] e *Negrinha* [1920]. Mas é como autor infantil que Monteiro Lobato é mais conhecido e amado, conforme Lajolo e Ceccantini (2009), especialmente na obra *O Sítio do Picapau Amarelo* criada por ele.

Lajolo (2009) o comparou ao oleiro que cria sua obra deixando sua marca. Sendo sua principal marca a crítica a não observação à linguagem coloquial e a supervalorização da vernácula. Ele foi um verdadeiro inventor, inclusive de novas palavras, rompendo com o eruditíssimo através de suas invenções e desenvolvendo um jogo de palavras em seus textos.

Essa crítica, provavelmente, seja pelo “trauma” de ser reprovado aos treze anos de idade pelo professor de língua portuguesa. Superou-se e se tornou um dos mais importantes autores da língua portuguesa brasileira.

O autor não se consolidou sozinho, sua biografia trata de várias amizades que Lobato contribuiu ao longo de sua vida, entre elas o cientista Arthur Neiva; linguista Godofredo Rangel; os artistas Belmonte, Voltolino, André Le Blanc; e outros autores, como o grande Lima Barreto.

Pelo que se sabe, Lobato contava com Godofredo Rangel, que o auxiliava como um consultor gramatical nas invenções de suas palavras e na utilização das figuras de linguagem, ricamente utilizadas pelo autor.

Ao que parece, Lobato tinha como objetivo, desconstruir o estilo de ensino importado dos europeus para os filhos dos barões, ricos, no Brasil, em uma estrutura onde a criança era um pequeno adulto. Conforme Ceccantini (2009), o autor demonstrava desprezo pela cultura do Brasil colonial, onde cultivava os mitos e lendas europeias e desprezava a cultura ligada às nossas origens.

Para Faria (2009), Lobato tinha uma visão revolucionária, buscando tornar a educação menos chata, e para isso, contava com o despertar da imaginação. Por isso, nas obras do autor, em especial *Sítio do Picapau Amarelo*, ele desperta a imaginação e não apenas narra a história, mas conduz o leitor a se sentir parte da história, e assim, desenvolve a autonomia do leitor.

Monteiro Lobato revoluciona a literatura de seu tempo e traz contribuições até o período contemporâneo porque não se limitou às letras, mas buscava casar a linguagem verbal à não-verbal por meio de imagem profundamente coloridas, cartuns, e enunciações gráficas.

Ao autor taubateano contou com a ajuda do Belmonte, artista paulista Benedito de Barros Barreto; Voltolino, “O mais importante desenhista de humor na capital paulista, na primeira década do século XX” (CAMARGO, 2009, p. 45); e com as ilustrações de André Le Blanc.

As criações de imagens tinham o intuito de descomplicar a leitura no desenvolvimento da autonomia.

Porém, Lobato não se mostra caprichoso apenas no requisito pedagógico de suas obras, mas também, conforme Ceccantini (2009), pelo auto padrão gráfico das obras. Contudo, Lobato não era apenas um revolucionário pedagógico e revolucionário dos livros, ele também era um crítico social. Ele destacava o atraso no meio rural que o Brasil estava vivendo, entre elas a crise sanitária, apontada por Neiva, amigo de Lobato.

E, é no meio das imaginações lobatianas que surgem, após pesquisa sobre o Saci-Pererê em 1917, mitologia africana inserido ao folclore Brasileiro, que ele lança sua obra *O saci*, em 1921, tão conhecido quanto *O Picapau Amarelo*. Sendo considerado por Lajolo (1988) como um livro que incorpora os elementos da cultura brasileira, o folclore fortalece a didática caracterizada na narrativa.

As obras de Lobato ganharam espaço nas telas de televisão, sendo conhecidas por todo o Brasil, destacam entre elas, *O Jeca Tatu*, interpretado pelo grande Amácio Mazzaropi; *O Sítio do Picapau Amarelo* e *O Saci* reproduzidos em filmes e séries infantis.

No entanto, é em meio as contribuições desse herói nacional que surge a denúncia sobre seu possível preconceito racial, primeiramente, por ter o negro em condições inferiores e em trabalhos servis, o que era realidade do seu tempo que recentemente tinha abolido a escravidão.

Atualmente, as obras de Lobato são consideradas inadequadas para utilização em sala de aula, porém sua comercialização é livre, pois vivemos em um país democrático e não numa ditadura. Além disso, pelo fato de as obras de Lobato terem entrado em domínio público desde janeiro de 2019, elas podem ser utilizadas comercialmente sem autorização prévia de direitos autorais. Devido a isso, há autores como Pedro Bandeira adaptando as obras lobatianas e retirando os termos que geraram polêmicas, de acordo com a visão do “politicamente correto”.

Entretanto, não há um pensamento mútuo sobre o preconceito de Lobato, como afirma Camargo (2009, p. 98): “João Carlos Marinho Silva – acertadamente, segundo nosso ponto de vista, - atribui grande parte do sucesso da saga lobatiana à participação de todos em tudo o que favorece multiplicidade de opiniões e visões de mundo”. Por isso, busca-se analisar no próximo tópico o título de preconceituoso empedernecido a Monteiro Lobato.

## 2.2 O Preconceito Racial de Lobato: Evidências e Seus Paradoxos

Os autores Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013) censuram Monteiro Lobato no Artigo Científico *Monteiro Lobato e o Politicamente Correto*, por apresentar evidências suficiente de preconceito racial. No entanto, as evidências dos autores são fortemente criticadas pelo pesquisador Aluizio Alves Filho em *O racismo em Monteiro Lobato, segundo leitura de afogadilho* (2011). Dessa forma, nesse tópico, desenvolve-se uma análise dialógica sobre o problema: o racismo de Lobato.

Conforme Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013), a censura a Lobato foi consolidada no dia 26 de agosto de 2011, quando Fernando Haddad, então Ministro da Educação, homologou o parecer, sendo já o segundo, reiterando a argumentação da denúncia à SEPPPIR, “com orientações para que o material utilizado na Educação Básica se coadune com as políticas públicas para uma educação antirracista” (2013, p. 74).

Entretanto, ao que parece, a decisão de Fernando Haddad não durou muito tempo. No ano seguinte, o Ministério da Educação, sobre o comando do Ministro Aloizio Mercadante, se manifestou contrário a qualquer tipo de censura a Monteiro Lobato, pois entendeu que não havia qualquer tipo de conteúdo racista na obra em discussão, *Caçadas de Pedrinho*.

Após isso, o Conselho Nacional de Educação (CNE) apresentou ao MEC o parecer que recomendava notas para contextualizar o período histórico de Lobato nas obras literárias abordadas na escola. Essas notas explicativas foram motivos de críticas, por exemplo, Lajolo e Ceccantini criticaram a medida e destacaram a necessidade de se formar leitores autônomos e competentes que, ao lerem identifiquem as diferenças históricas e éticas.

Sendo assim, o Conselho Nacional de Educação voltou a liberar a doação de livros em escolas, em especial *Caçadas de Pedrinho*, sem a obrigatoriedade das notas explicativas. Com isso, o Ministro Aloizio Mercadante liberou às escolas exemplares da obra *Caçadas de Pedrinho* sem notas explicativas.

Desta forma, o Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (IARA) ingressou com o pedido de Mandado de Segurança junto ao Supremo Tribunal Federal, que pedia a anulação do parecer do Conselho Nacional de Educação que teria liberado a obra sem as notas de rodapé. A decisão foi emitida pelo Ministro Luiz Fux, do Supremo Tribunal Federal:

### **Negado seguimento a MS que discute questão racial em obra de Monteiro Lobato**

O ministro Luiz Fux, do Supremo Tribunal Federal (STF), negou seguimento (julgou inviável) ao Mandado de Segurança (MS 30952) em que o Instituto de

Advocacia Racial e Ambiental (IARA) e o professor Antônio Gomes da Costa Neto pediam a anulação de parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) que, segundo os autores, teria liberado a adoção nas escolas do livro “Caçadas de Pedrinho”, de Monteiro Lobato, cujo conteúdo faria “referências ao negro com estereótipos fortemente carregados de elementos racistas”. Segundo o ministro, o STF não tem competência para apreciar mandado de segurança impetrado contra o ato do ministro da Educação que homologou parecer do Conselho Nacional de Educação pela liberação do livro, sem nota explicativa sobre racismo.

No mandado de segurança, o instituto e o professor pretendiam que fosse anulado o Parecer nº 6/2011, do CNE, que reexaminou e substituiu o Parecer nº 15/2010, que continha as orientações defendidas pelos impetrantes do MS. O parecer 15/2010 determinava que o livro fosse adotado somente com a inclusão de uma nota explicativa sobre estudos “que discutam a presença de estereótipos raciais na literatura” e com a imediata formação e capacitação de educadores para que a obra fosse utilizada “de forma adequada na educação básica”.

Em sua decisão, o ministro revela que o Supremo não é competente para julgar o caso. “Embora tenham feito referência a pedido de avocação [de processo administrativo] formulado à presidente da República, para justificar a competência do Supremo Tribunal Federal”, em uma leitura atenta do pedido, “constata-se, de maneira inequívoca, que a real e única intenção dos impetrantes é a de seja reconhecida a nulidade do Parecer nº 15/2010, do Conselho Federal de Educação”.

Além de citar legislação que prevê a avocação de determinado assunto pela Presidência da República somente em caráter excepcional e por relevantes motivos de interesse público (artigos 170 do Decreto-lei 200/1967 e 15 da Lei 9.784/1999), o relator do processo acrescentou que, conforme ressaltado pelo Ministério Público Federal (MPF) em parecer, a matéria foi apreciada por diversas instâncias administrativas, “não se justificando, a princípio, a atuação da presidente da República”. Ele complementou que há jurisprudência no STF “a respeito da ausência de obrigação no deferimento de pedido de avocação”.

Por fim, o ministro lembrou que a Constituição Federal (artigo 102, inciso I) determina que o Supremo tem competência para julgar mandados de segurança contra atos do presidente da República, das Mesas da Câmara e do Senado Federal, do Tribunal de Contas da União (TCU), do procurador-geral da República, e do próprio Supremo. “Evidente, assim, a incompetência desta Corte para a apreciação de mandamus impetrado contra ato do Ministro da Educação que homologou parecer do CNE”, concluiu. (BRASIL. SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Disponível em <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=282504> acessado em 22 de setembro de 2020 às 11h30.

Ainda, segundo análise dos autores Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013), a inadequação a Lobato não foi bem recebida pela grande mídia, nem pela sociedade em geral. Já no campo acadêmico, o resultado não foi diferente, num tom de ironia, eles criticam os que chamam de experts na obra de Monteiro Lobato, os literatos ou acadêmicos que não aceitaram o pensamento sobre Lobato. Sobre essa questão dizem: “Muitas vezes, a relativização ou mesmo negação do caráter racista do escritor vem acompanhada de uma apologia ao seu lugar de destaque o panteão dos heróis literários da pátria” (2013, p.80).

No entanto, ao que parece, a justificativa da inadequação às obras de Lobato apresentada por Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013) não estava pautada num contexto científico,

literário, filosófico, sociológico, mas sim uma disputa ideológica. Para Humberto Viana Guimarães:

Lobato, que além de escritor foi um grande entusiasta na criação da Petrobras, de herói, agora querem transformá-lo e a sua brilhante obra em racistas, com chavões do tipo ‘estereótipos raciais’ [...] Agora é Lobato que é taxado de racista, e, amanhã quem será? Jorge Amado, Machado de Assis, Castro Alves ou Gilberto Freyre?” (GUIMARÃES, 2010 apud JÚNIOR; NASCIMENTO; EISENBERG, 2013, p.80)

Os autores dizem que “há evidências suficientes para afirmar de maneira qualificada que, ao contrário da opinião de alguns especialistas retratada na mídia, Monteiro Lobato era de fato racista” (2013, p.83).

Mas, como dissemos, não nos ocupa agora o exame detalhado do discurso racial de Lobato em seu contexto histórico. É importante salientar, contudo, alguns pontos de sua biografia pessoal e intelectual. Lobato esposa um tipo de determinismo racial que é altamente pessimista quanto à condição do negro e do mestiço. Tal determinismo em sua época já era muito contestado, por exemplo, por figuras como o escritor Graça Aranha, o médico João Batista de Lacerda, e mesmo expoentes do Sanitarismo, como Belisário Pena, além do antropólogo Edgard Roquete Pinto, do escritor Manuel Bonfim e de Alberto Torres. (JÚNIOR; NASCIMENTO; EISENBERG, 2013, p. 84)

Porém, são refutados por Alves Filho:

Não conheço nenhuma linha escrita por nenhum deles que contenha crítica à qualquer das posições defendidas pelo autor de *Problema Vital*. Uma série de mediações deve ser feita a respeito para que se possa compreender a natureza dos debates que existia na ocasião, assim como pontos consensuais e divergentes. (ALVES FILHO, 2016, p. 391)

Para Alves Filho (2016), as amizades contrariam a ideia do racismo atribuído a Lobato e garante o seu pensamento de igualdade entre todos os homens.

O pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português, o espanhol. Mas é um homem em estado latente. Possui dentro de si grande riqueza de forças. Mas forças em estado de possibilidade. E é assim porque está amarrado pela ignorância e falta de assistência as terríveis endemias que lhe depauperam o sangue, catequizam o corpo e atrofiam o espírito. O caipira não é assim. Está assim. Curado, recuperará o lugar a que faz jus no concerto etnológico. (*OBRAS COMPLETAS DE MONTEIRO LOBATO*, volume 8, p. 285 apud ALVES FILHO, 2016, p. 360)

Os primeiros autores, Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013), apresentam como evidências do racismo de Lobato o fato de ele ser membro da Sociedade Eugênica de São Paulo e suas amizades com os médicos Renato Kehl (1889) e Arthur Neiva (1880-1943), pensamento refutado por Alves Filho (2016, p. 379):



É óbvio ser manipulativo o método utilizado pelos que se propõem a revelar aspectos definidores das concepções teóricas, intenções e propósitos que nortearam a ação de Lobato através do exame de sua correspondência e para realizar tal tarefa propõem-se a examiná-la somente em dois dos de seus correspondentes escolhidos a livre arbítrio entre mais de centena de possíveis. Checando a fundo tal método, vale indagar, mesmo que a correspondência de Lobato com Neiva e Kehl tivesse por fio condutor raça e eugenismo, na forma que querem seus críticos de afogadilho, será que estes temas têm presença substantiva e tratamento similar a dada nestas em diversas outras correspondências de Lobato?

No entanto, Alves Filho (2016) refutou esse pensamento porque para ele não há nenhuma referência a membresia de Lobato com a instituição, nem tão pouco referências com apologias ao preconceito racial. Para o autor, “Lobato não espousa o aludido determinismo pessimista em relação ao negro e ao mestiço, estando mesmo, quando visto no quadro político do contexto em que viveu, na contramão do racismo” (ALVES FILHO, 2016, p. 387).

A segunda evidência do racismo de Lobato está nas amizades. Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013) destacam:

Não podemos deixar de mencionar que Lobato foi membro da Sociedade Eugênica de São Paulo e amigo pessoal de expoentes da eugenia no Brasil, como os médicos Renato Kehl (1889-1974) e Arthur Neiva (1880-1943), dados que apenas ilustram sua imagem de adepto fervoroso dos ideais eugênicos<sup>10</sup> de melhoramento da raça, refletidos plenamente em seus textos, privados e públicos. (JÚNIOR; NASCIMENTO E EISENBERG, 2013, p.83)

Sobre a amizade de Monteiro com esses médicos, Alves Filho (2016), porém se indaga: - Quem foram Arthur Neiva? - Herói nacional, e Renato Kehl? Ele ainda destaca num ato de repúdio aos primeiros autores o fato da amizade entre Monteiro Lobato e Lima Barreto, o primeiro romancista negro do Brasil, que o politicamente correto não observou.

Alves Filho (2016) defende Neiva dos ataques dos autores Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013), afirmando:

Quem se dispuser a analisar e classificar os 187 trabalhos que Lent arrola como tendo sido publicados por Neiva entre 1905 e 1943<sup>24</sup> tentando encontrar elementos capazes de ‘provar’ tratar-se de um expoente do eugenismo vai se frustrar porque constatará que tal tema não tem relevância nem importância alguma no conjunto da obra do autor.

Mais de dois terços dos trabalhos de Neiva foram publicados em revistas ou boletins da área médica, nacionais ou estrangeiras. A maior parte são estudos sobre questões relativas à parasitologia, área de sua especialização. Examinando o título desses trabalhos não encontramos nada referente ao eugenismo. Sem dúvida estamos diante de um grotesco paradoxo: de um lado, um eminente cientista brasileiro taxado em publicações comerciais assim como em acadêmicas como sendo um *expoente do eugenismo* e de outro, a nossa constatação, que em suas pesquisas dirigidas à comunidade científica Neiva ao menos se ocupa da questão que é dado como expoente. (ALVES FILHO, 2016, p. 371)

Ao que parece, não é somente Alves Filho que discorda dos autores Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013), mas a Grande Enciclopédia Barsa (1977) descreve um Neiva heroico, baiano de Salvador, diplomado em Medicina, pesquisador na área de história natural, com contribuições à etnografia, à linguística e à história.

Segundo Barsa (1977) e Alves Filho (2016), Neiva, igualmente a Lobato, buscava a valorização do homem do interior, o caipira, negro e preguiçoso para alguns, para outros, negro e cansado da labuta diária em situações precárias de sobrevivência abandonado no interior do Brasil.

Neiva lutava pelo saneamento básico onde elaborou o Código Sanitário, doenças parasitárias infecciosas, sendo um pioneiro no estudo da malária. Fatos esses confirmados pela Grande Enciclopédia Lrousse Cultural (1998) que ainda completa afirmando ser Neiva discípulo de Osvaldo Cruz, e seu profundo conhecimento por “barbeiros”, transmissores da doença de chagas, um verdadeiro herói brasileiro.

Por fim, sobre a questão Alves Filho argumenta que:

- a) A afirmação que Lobato pertenceu ao corpo da referida instituição, ao que sabemos não passa de especulação sem nenhuma base em pesquisa ou referencial confiável.
- b) A relação de Lobato com a sociedade eugênica presidida pelo médico Renato Kehl se limitou a publicação, a convite desta instituição e da sociedade sanitaria do Rio de Janeiro, do livro *Problema Vital*. Livro não apenas antirracista, mas que isso, crítico de propostas racistas como dos que defendiam a imigração de brancos (italianos), por acreditar tratar-se de mão de obra racialmente superior à disponível na nação, composta em grande maioria por negros, índios e mestiços. (FILHO, 2016, p. 364)

Outro fator questionado por Alves Filho é o fato dos autores Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013) negligenciarem a relação entre Lobato com Lima Barreto. Eles trocaram cartas desde setembro de 1918 até a morte do romancista em 1922. “Durante um período de quatro anos trocaram mais de cinquenta cartas em linguagem coloquial onde a amizade, o respeito e a recíproca admiração literária saltam aos olhos de quem as lê”. (ALVES FILHO, 2016, p.381).

Conforme Alves Filho, Lima Barreto surge no mercado literato através de Lobato, fator que nunca seria aceito por um racista empedernido, até por sua confiança em Lima Barreto: “Prezadíssimo confrade e amigo; Recebi sua carta a 9 do corrente e com ela os originais, que não li, nem é preciso, visto como estão assinados por Lima Barreto”. (LOBATO, apud ALVES FILHO, 2016, p. 381)

Lobato era tão antirracista que seus escritos resultaram no primeiro folclore negro do Brasil através do livro *O sacy-Pererê* (1918). O antirracismo de Lobato é manifesto, para Alves Filho, em obras do *Sítio do Picapau Amarelo*. Para ele ao contrário do pensamento de Monteiro Lobato e o politicamente correto, a obra é de ponta a ponta antirracista por excelência.

No entanto, as expressões utilizadas pelos primeiros autores para justificar a empedernido preconceito, como: “País de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Ku Klux Klan, é país perdido”. (LOBATO, apud ALVES FILHO, 2016, p.376).

Para Alves Filho (2016), Lobato não era racista empedernido, como acredita os autores Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013), mas expressava a sua realidade social, recentemente liberta da escravidão. Dentro de um contexto hermenêutico parece que os primeiros autores abandonaram uma das regras fundamentais da hermenêutica, que é interpretar o texto dentro do seu contexto de produção, interpretar Lobato a luz do contexto atual não é só inviável como também propício aos erros.

Essa pesquisa aquiesce ao pensamento de Alves Filho (2016), por isso, busca-se no próximo tópico abordar as contribuições de Lobato em sala de aula, haja visto, que ele se encontra entre os heróis nacional.

### **2.3 As Contribuições de Monteiro Lobato em Sala de Aula**

Acompanhando o pensamento de Alves Filho (2016), observa-se que não há motivos para considerar as obras lobatianas inadequadas à sala de aula, pelo menos não por preconceito racial. Neste último tópico, procura-se analisar as contribuições de Lobato em sala de aula a partir dos estudos de Patrícia Aparecida Beraldo Romano (2011) e de Alvaro Gabriele Bento Rodrigues Junior (2007).

A partir do estudo dos textos acima citados, busca-se destacar algumas, entre muitas contribuições que Lobato pode trazer para a sala de aula contemporânea, além das contribuições linguísticas:

a) Despertar a imaginação – Como já mencionado anteriormente, Lobato tinha o poder de hipnotizar seus leitores conduzindo-os ao mundo das fantasias, seus escritos infantis eram uma “Mistura de realidade e fantasias” (ROMANO, 2010, p. 211), que segundo a estudiosa, a criança nunca esquece. Essa contribuição desperta a autonomia e criatividade da criança, já

que fantasia se refere ao que é criado no imaginário, oposto à realidade. As obras lobatianas, especialmente *O Sítio do Picapau Amarelo*, conduzem o leitor ao fundo fantasioso e distante da realidade, da loucura do mundo pós-moderno.

b) Promover o conhecimento dos gêneros textuais – É possível trabalhar a partir de Lobato diferentes gêneros textuais, como conto, fábula, histórias, anedotas, folclore, etc.

c) Interdisciplinaridade – A interdisciplinaridade é um dos grandes desafios da educação contemporânea, já que, o conhecimento não é fragmentado. Lobato já aplicava a interdisciplinaridade no *Sítio do Picapau Amarelo*.

A abordagem de Lobato torna-se interdisciplinar a partir do momento em que insere, no contexto de suas narrativas repletas de incidentes, surpresas, casos fantásticos e imaginários, temas nacionalistas ou assuntos do cotidiano, criando, desta forma, muitas vezes, mais de uma história dentro da história, mas de um mundo dentro de outro mundo. (RODRIGUES JÚNIOR, 2007, p.27)

Ainda, segundo o autor, *O poço do Visconde* é o melhor exemplo de interdisciplinaridade, pois une a discussão sobre a exploração do petróleo no Brasil com os conhecimentos de química, geografia geologia.

d) As múltiplas formas do conhecimento – Monteiro une no *Sítio do Picapau Amarelo* o conhecimento formal ao informal. Através dos ensinamentos da Tia Nastácia, Lobato demonstra os saberes populares, as culturas regionais e credices. Já, Dona Benta repassa informações científicas. O autor não desvalorizou ou supervalorizou nenhuma das duas formas de conhecimento, pelo contrário, mostrou a partir do exemplo da Emília que o conhecimento adquirido muda o ser, a boneca com inteligência artificial aos poucos se torna gente por meio do conhecimento adquirido.

e) A formação do leitor de forma lúdica – A participação das leituras lobatianas em sala de aula possibilita aulas lúdicas por meio da imaginação, através da interação do professor-leitor há possibilidades de formar o aluno-leitor por meio do exemplo e amor pela leitura. A exemplo de Dona Benta, que lia para seus netos e com eles discutia sobre literatura.

f) Conhecimento de literatura clássica - Lobato contribuiu para a presença de literaturas clássicas adaptadas aos alunos com uma leitura mais prazerosa, conduzindo-os ao mundo da imaginação das literaturas clássicas, como por exemplo *Peter Pan* e *Dom Quixote*.

g) Coesão e coerência ao ensinar – Monteiro Lobato manifestou seu potencial midiático no *Sítio do Picapau Amarelo* unindo diferentes assuntos sem os tornar incoerentes:

*O sítio do Picapau amarelo* - foi capaz de perceber este potencial midiático e, à luz de sua época, resgatou, de maneira singular, os mais diversos assuntos sob uma perspectiva lúdica, divertida e, dentro das limitações do suporte, interativa (ergódica), despertando o interesse dos leitores sobre os mais diversos assuntos, da mitologia à geologia, da gramática à astronomia, muitas vezes misturando dois ou mais temas em um único, sem inclinar-se à banalidade ou à incoerência. (ROGRIGUES FILHO, 2007, p. 96)

Mas, além dessas contribuições, Romano (2010) crítica a falta de apoio a Lobato e aponta para a necessidade de se recuperar Monteiro Lobato no ambiente escolar. Para a autora, a presença de Lobato em sala de aula não pode se limitar a participação dos contos televisivos, que não são fidedignos aos textos. Mas recuperar Lobato em sala de aula é disponibilizar leituras fiéis do texto lobatiano, conduzindo os alunos ao mundo das imaginações.

Assim seria o ideal para descobrir-se leitor do texto lobatiano. Mas como, infelizmente, leitores assim estão ameaçados de extinção e professores capazes de despertar leitores em potencial também, que ao menos esses profissionais percebam o papel que lhes cabe de resgatar esse nome tão fundamental dentro de nossa história literária, lendo-o e apresentando-o em sala, pois é direito do aluno conhecer essa herança cultural tão próxima a ele. (Romano, 2007, p. 221)

Os dados aqui levantados serão discutidos na próxima seção, observando-os na leitura da obra lobatiana. Acreditando ser totalmente coerente a utilização de Lobato em sala de aula, conforme os estudiosos aqui discutidos.

### 3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesse capítulo, trata-se dos dados levantados durante a fundamentação teórica, analisando-os na obra de *O Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato, lançado em 1939. Como já destacado, os autores Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013) veem o autor como um empedernido racista, posicionamento que é totalmente criticado por Alves Filho (2016). Já para Romano (2010) e Rodrigues Júnior (2007) destacam as contribuições de Lobato na obra em análise.

Ao concluir a leitura da obra analisada, concordou-se com Alves Filho (2016). Há na obra expressões racistas, mas que se entende como termos empregados e comportamentos da sociedade da época de produção das obras de Lobato, pós escravidão, que, infelizmente, até hoje perdura na sociedade brasileira. Observa-se imensas contribuições para o ensino em sala de aula, como apontou Romano (2010).

#### 3.1 O problema do racismo

Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013), para justificarem seu posicionamento acerca do racismo nas obras de Lobato, recorrem à hermenêutica, do grego “hermeneuein” com o sentido de “interpretar”. No entanto, os autores não executam nenhuma das técnicas básicas para interpretar autores e textos do passado.

**Análise histórico-cultural:** envolve a compreensão da história e da cultura relacionada ao texto.

**Léxico-sintática:** une o estudo do vocábulo e sua relação com a frase, utilizando-se da gramática e da linguística para explicar o sentido do texto.

**Análise literária ou contextual:** procura observar o texto dentro de sua estrutura narrativa e sua relação com o capítulo e o livro como um todo. O título Análise Literária deve ser preferível à Contextual, pois esta se desdobra em diversos tipos de contextos, enquanto aquela se refere à estrutura do texto (ARRUDA; ALBANO; MELLO, 2006, p. 14)

Há grande necessidade de se reconstruir o contexto em que o texto foi escrito, porque interpretar o texto sem seu contexto gera pretexto, segundo foi observado pelos autores Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013). Ao que parece, eles não buscaram reconstruir a época do autor, análise histórico-cultural ou análise literária, nem analisar as palavras utilizadas em sua narrativa dentro do seu contexto histórico, fato que resulta em uma interpretação possivelmente equivocada.

Não há espaço aqui para uma análise detalhada acerca da questão do racismo de Lobato em sua própria época, tema que mereceria um ensaio bem mais longo para ser desenvolvido. Como nosso objetivo é discutir a questão relativa ao uso de sua literatura na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental no presente, é muito mais importante saber o que suas ideias e linguagem significam para nós, seres desse presente. (JÚNIOR; NASCIMENTO; EISENBE, 2013, p. 83)

É evidente o problema do pensamento acima, não há condições de interpretar nenhum tento fora de sua época, haja visto que o mundo muda, inclusive a língua. Estudar os significados das ideias e da linguagem de Lobato a luz da nossa realidade é adulterar o pensamento original do autor.

Prova disso, é a resposta do ator e comediante Renato Aragão ao Fantástico, rede Globo de Televisão, em 15 de junho de 2014, durante entrevista sobre a história de Antonio Carlos, O Mussum, um dos Trapalhões. Ao ser questionado se as piadas feitas a Mussum eram racistas, Renato Aragão responde: “- Ninguém entendia isso como racismo. Ninguém! Era brincadeira. Era caricatura”. (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=G9Qi90svPok> acessado dia 05 de julho de 2020 às 15h)

Ora, se a sociedade dos anos 70 não via as brincadeiras e piadas escritas por Renato Aragão como racistas, o que dizer dos escritos de Lobato (1882 – 1948)? Ao analisar esse fato, pode-se afirmar que essa brincadeira tinha cunho racista, mas que a sociedade daquela época não tinha a consciência de que se tem hoje em relação a esse comportamento. Hoje é inadmissível esse modo de agir. Portanto, ter o contexto de produção é de extrema importância no estudo hermenêutico. Ao que parece, há um profundo equívoco dos autores Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013, p. 83) ao considerar inadequadas as obras lobatianas por motivos de racismo empedernido.

Lobato no *Sítio do Picapau Amarelo* dá voz ao preto no Brasil através da personagem da Tia Nastácia, a preta do sítio e do Tio Barnabé. Vale ressaltar que há expressões empregadas naquela época, indicando termos racistas para o contexto atual.

O autor é acusado de racismo, porém a preta, Tia Nastácia, tem uma grande liberdade no sítio, tanto de ação como liberdade de expressão. Ao comprar as terras vizinhas e as destinarem ao Mundo das Fábulas, Tia Nastácia expressa sua opinião: “- Nossa Senhora! Isto vai virar um ‘hospício’”. (LOBATO, 2010, p.16).

A preta do sítio tinha o poder de opinar, o que não era permitido pelos racistas aos negros. Além da liberdade de expressão e o poder de opinar, Tia Nastácia também não era privada de discutir com Dona Benta. Lobato estava rompendo a tradição de sua época.

Quando as criaturas fabulosas começam a chegar ao sítio, Dona Benta, as crianças e é claro, Tia Nastácia não saíam da cerca. “-Credo, Sinhá! Que vai ser de nós de hoje em diante? Quanta estrepolia, meu Deus! Se isso desta vez não pegar fogo...” (LOBATO, 2010, p.21).

Ao que parece, Tia Nastácia era uma serva do sítio igual Sancho era de Don Quixote. Não estava numa situação de inferioridade, mas servindo de forma livre e feliz. Ela tinha poder na cozinha para dar ou não comida fora de horas, não estava sobre uma opressão como uma escrava. Por causa disso, Sancho a agradava na cozinha, contando-lhe casos cômicos.

Quimera ao ser questionar sobre quem seria a rainha do sítio, Visconde diz não haver reinado, mas sim uma democracia, a qual a preta fazia parte.

- Não há sido por cá. Somo uma democracia. Há Dona Benta, que a Tesoureira, ou a Dona. Há dois príncipes herdeiros: Narizinho e Pedrinho. Há a Lambeta-Mor, que é o Marechal Quindim. Há a Provedora-Mor das Comidas, que é Tia Nastácia. Há o Sábio os Sábios, que é o ilustríssimo Senhor Visconde de Sabugosa... (LOBATO, 2010, p. 35).

Ao se referir à Tia Nastácia, Lobato utilizou para os adjetivos de cor: preta e negra e o adjetivo de qualidade: boa. Em nenhum momento da narrativa o escritor menospreza a preta, pelo contrário, demonstra uma preta com voz ativa.

- A combinação que eu fiz foi de que “eles” ficavam para lá da cerca e nós para cá; mas um a um os meninos vão trazendo para aqui todos os personagens maravilhosos. Nesse andar, passam-se todos para cá e eu tenho de mudar o sítio para lá ...

- Isso mesmo concordou a preta. – Já estão aqui, de cama e mesa, o Senhor Don Quixote, aquele herói não sei quê, o horrível bicho de três cabeças, o tal cavalo de asas, o “Seu” ancho, que é um segundo Rabicó, Sinhá – como, come, o diabo! Não há o que encha aquela pança. E há ainda o Gancho e o coitadinho do Polegar. Agora a sereia ... (LOBATO, 2010, p.74)

A Tia Nastácia era uma boa negra, não sentido escravista como as boas e tristes negras escravas, mas uma boa negra livre, feliz e muito sorridente. A preta era tão importante que, ao sugerir um cruzeiro: “Branca de Neve também gostou da ideia do cruzeiro em companhia de Dona Benta, Nastácia e os mais. Seria um consolo para a sua dor” (LOBATO, 2010, p. 82).

Porém ao ser ferida pela terceira flecha do cupido por capricho da Emília, Tia Nastácia não se sentiu bem de saúde. O resultado foi totalmente antirracista, se preocuparam com a dor da preta e assumiram a responsabilidade pelos seus cuidados. Todos preocupados cuidaram da doente preta.

Durante o cruzeiro, algumas crianças visitaram o sítio; entre elas Rodrigo e Joyse, netos de Lobato; havia no sítio dois grandes atrativos, Emília e os bolinhos de Tia Nastácia, sua



culinária era tão fascinante que ele “encarregou-se dos comes” (LOBATO, 2010, p. 107) do casamento entre Branca de Neve e o Príncipe Codadade.

Ao brincarem no sítio, após o consentimento do Burro Falante, cada criança interpretava um personagem, e lá estava ela, a preta: “Quindin deu várias voltas pelo pasto com o bando de crianças a fazer o maior dos berreros em cima dele. – ‘Eu sou Pedrinho!’ – berrava uma. – ‘E eu sou Narizinho!’ – berrava outra. – ‘E eu, Tia Nastácia!’” (LOBATO, 2010, p. 102). O que demonstra a forte personalidade da preta.

Porém, ao saber que o sítio seria atacado pelo Capitão Gancho e seus comparsas, Dona Benta recorre a Tia Nastácia e as crianças para decidirem a melhor atitude a ser tomada. Mas ao voltarem rapidamente ao sítio, eles acabaram se esquecendo da Tia Nastácia, o que fazer? Deixá-la lá? Não! Criar uma expedição para salvá-la. O que acabou sendo narrado no livro *O Minotauro*, de 1964.

Tia Nastácia, a preta do sítio, em nenhum momento foi tratada com desrespeito. Pelo contrário, ele dá voz e vida a preta Nastácia. Por fim, a hermenêutica utilizada por Júnior; Nascimento e Eisenberg (2013) é totalmente equivocada, por isso a necessidade de reconstruir cada contexto de produção.

### ***3.2 O Contato com a Literatura Clássica e o despertar da Imaginação***

Romano (2010) destaca a presença da literatura clássica no *Sítio do Picapau* e sua importância em sala de aula. Levar *O Sítio do Picapau Amarelo* para a sala de aula possibilita aos alunos o contato com a literatura clássica e conseqüentemente desperta a imaginação.

*O Sítio do Picapau* é completamente clássico, personagens de diferentes tempos e diferentes culturas estão em ação. Pedrinho, por exemplo, desenvolveu projetos com Aladin e com o príncipe Codadade. Narizinho passa momentos conversando com Branca de Neve e Chapeuzinho Vermelho. A possível discussão científica entre Visconde e Mr. La Fontaine, “o famoso fabulista encontrado na viagem feita ao País da Fábula” (LOBATO, 2010, p. 13).

Qual outra obra traz tantos clássicos como *O Sítio do Picapau Amarelo*? O que falar dos outros, praticamente esquecidos em sala de aula, como: Don Quixote, da Espanha; O pequeno Polegar, da Idade Média; Rosa Branca e Rosa Vermelha, Belorofonte, Peter Pan e o Capitão Gancho, e as diferentes mitologias: a grega que é a mais rica de todas; a da Índia; a dos povos nórdicos e as do Brasil.

Ao abordar tantos clássicos de uma só vez, de forma coesa e coerente com cada personagem, o autor desperta a imaginação dos seus leitores. Para o autor, a imaginação é tão

real como as coisas invisíveis ou abstratas, aquelas existem mais que não se veem, como: Deus, o vento, a justiça, a civilização etc.

O sítio de Dona Benta não era um sítio qualquer, nele as coisas reais e imaginárias viviam em plena harmonia. A imaginação não está apenas nas páginas dos livros, mas também em cada criança, a qual ao crescer abandona essas imaginações. Narizinho provou a existência da imaginação infantil ao criar uma narrativa que conduziu os adultos a vivenciarem um sítio completamente assustador e resolverem a vender suas terras por um preço justo.

No entanto, as imaginações infantis não são meras especulações, mas possuem certa lógica, as palavras de Emília enquanto procurava por Visconde prova esse raciocínio lógico e não apenas uma imaginação vaga:

- Teria sido devorado pela Quimera?
- Foi o que Emília pensou – disse Narizinho -, mas acho que não, porque a Quimera atravessou a cerca pela porteira, e como a chave estava com o Visconde, isso é sinal de que ela não comeu o Visconde, porque se o comesse o comeria com chave e tudo. Além de que a Quimera é carnívora e o Visconde é erva – é comida herbívora.
- Mas onde está ele, então? (LOBATO, 2010, p. 46)

Outras imaginações criativas são destacadas no desenrolar da história, a última delas foi a de Pedrinho para recuperar novamente o sítio com o plano de assustar o Capitão Gancho, sem contar com o faz de conta da Emília.

A obra destaca o poder imaginário das crianças, e como essas imaginações são perdidas no decorrer da história e completamente abandonadas na vida adulta, tornando-a completamente sem graça, assim como a antiga Grécia.

### ***3.3 A Formação da Leitura Lúdica e os Gêneros Textuais***

A leitura era algo comum no sítio da Dona Benta, lá a preguiça não tinha vez. Ao receber a carta do pequeno Polegar, a leitura é feita de forma coletiva e participativa. Emília, aparentemente leitora ativa, abriu a carta e a leu com maior facilidade:

Prezadíssima Senhora Dona Benta Encerrabodes de Oliveira:  
Saudações. Tem esta por fim comunicar a Vossa Excelência que nós, os habitantes do Mundo da Fábula, não aguentamos mais as saudades do Sítio do Pipapau Amarelo e estamos dispostos a mudar-nos para aí definitivamente. O resto do mundo anda uma coisa das mais sem graça. Aí é que é o bom. Em vista disso, mudar-nos-emos todos para sua casa – se a senhora der licença, está claro...” (LOBATO, 2010, p. 13)

É possível, a exemplo da Emília, mostrar aos alunos em sala de aula a necessidade da prática da leitura. Para que, através da prática se possa aperfeiçoar a leitura, tornando-a clara e objetiva, sem usar o texto como pretexto, nem de forma pedagogizante, mas levando os alunos a perceberem o quanto as crianças do sítio liam.

Ao que tudo indica, Dona Benta era uma leitora ativa e gerenciava as obras para seus netos de acordo com a faixa etária das crianças.

- Ah! A minha história! – exclamou Belorofonte. – Corre mundo contada por numerosos poetas, entre eles o velho Hesíodo e o grande Homero.
- Sim, a maior parte da Antiguidade. Até hoje seus poemas são lidos, admirados e estudados pelos homens.
- *A Iliada* e *a Odisseia*! A Vovó já nos falou neles.
- Mas não basta conhecê-los de nome – observou o herói -, é preciso lê-los.
- E tem razão. Realmente ainda é cedo para vocês compreenderem Homero – disse o grego. (LOBATO, 2010, p. 48)

Lobato em sala de aula possibilita tratar a leitura como algo prazeroso, desconstruindo a má cultura do preconceito contra ela, especialmente na maior parte das escolas públicas. O autor também traz o alerta ao cuidado e a necessidade da leitura seletiva:

- Mas eu li! – gritou Emília.
- E que tem que você tenha lido, bonequinha? O fato de a gente ler uma coisa não quer dizer que seja exato. Os livros mentem tanto quanto os homens. (LOBATO, 2010, p.68)

Já, ao receber a carta do Visconde, Dona Benta enfrenta um dos desafios que todos os professores da educação básica já enfrentaram nalgum momento. O desânimo pela falta de interesse pela leitura e como os manter atentos até o fim da leitura.

A leitura começa muito bem, Emília e Narizinho dialogam com a leitura, mas aos poucos as crianças abandonam a leitura, Don Quixote que ali está ferra no sono, Belorofonte sai para passear. Como desenvolver uma leitura atrativa? Por que durante a leitura da primeira carta não houve este comportamento? Seria a forma como Emília se movimentava?

Por fim, não importa por qual razão a leitura da Emília, ao ler a carta do Pequeno Polegar, foi melhor aceita do que a leitura de Dona Benta, ao ler a carta do Visconde. O importante é que Lobato constrói o valor da leitura. Ele demonstrou a relevância da leitura, possibilitando o acesso a diferentes gêneros textuais dentro de sua obra.

No *Sítio do Picapau Amarelo* é possível encontrar fábulas, histórias, carta, questões do folclore, etc. A obra se caracteriza como um texto do gênero narrativa de aventura. Porém, durante sua narrativa outros gêneros são citados. Destacando-se na narrativa alguns com:

a) Carta - três cartas ganham destaque na narrativa, sendo: a carta do Pequeno Polegar enviada ao sítio de Dona Benta; a carta de Dona Benta em resposta ao Pequeno Polegar, enviada por Emília através do faz de conta, e a carta do Visconde. Esse é um gênero do cotidiano, ainda muito mais presente no período da escrita da narrativa do *Sítio do Picapau Amarelo*.

b) Fábulas - em geral, são histórias curtas, que através da narrativa transmitem um ensinamento, quase sempre utilizando animais como personagens. *O Sítio do Picapau Amarelo* destaca os diferentes tipos de fábulas de acordo com as diferentes mitologias. Visconde sabe explicar muito bem sobre esse gênero: Há muitas mitologias, isto é, coleções de fábulas - uma para cada civilização. “Há a mitologia grega, a mais ricas de todas; há a mitologia da Índia; há a mitologia dos povos nórdicos; há até mitologia do Brasil”. (LOBATO, 2010, p.33)

c) Folclore - é o gênero textual que se ocupa das narrativas tradicionais, como contos, mitos e lendas populares sobre costumes tradicionais, crenças e superstições através da linguagem popular. Suas principais características são a origem anônima das histórias, ainda que isso não seja um pensamento unânime entre os estudiosos, e a transmissão oral. Lobato apresenta como personagens secundários na narrativa: “o Saco, o Caipora, a Mula sem Cabeça e a Iara” (LOBATO, 2010, p.34).

Ao responder a carta de Pequeno Polegar, Lobato destaca um dos principais elementos da carta: o endereço. As imortais fábulas dispensam-se comentários aqui, porque suas grandezas necessitam de um trabalho exclusivo a elas. Sobre as mitologias, é impossível ler sem ao menos imaginar como seriam a Quimera e o Pégaso, entre outros personagens mitológicos.

### ***3.4 As Múltiplas Formas do Conhecimento***

Lobato em suas obras ressalta a sofrida vida do campo, especialmente na figura do Jeca. O autor destaca no sítio as diferentes formas do conhecimento. Dona Benta, a mulher rica e culta, e Tia Nastácia, a serviçal e ignorante do saber enciclopédico, demonstram cada qual seus conhecimentos.

O autor não tem a intenção de mostrar apenas o conhecimento oriundo dos estudos literários, mas também aqueles adquiridos no dia a dia, transmitidos de geração a geração, enfim, o conhecimento popular. Como já citado, nos tempos de Lobato, o interior abandonado do Brasil era castigado com pragas, entre elas o barbeiro, e falta de saneamento básico, o que provocava germes e parasitas na pobre população.

Tia Nastácia transmite seus conhecimentos às crianças sobre os cuidados para evitar a contaminação com os germes e parasitas. Ela ensinara as crianças sobre problemas que a população estava vivenciando naquele contexto.

- Está ali uma casa – disse Pedrinho – em que eu não poderia morar. As paredes são de açúcar-cande; as telhas, de chocolate; as torneiras dão mel e vinho quente. Eu comia essa casa inteirinha.

- E não escapava de uma boa dose de erva-de-santa-maria com óleo de rício – observou a Emília. – Doce demais gera lombriga, diz Tia Nastácia. (LOBATO, 2010, p. 24)

Dona Benta era profunda conhecedora da literatura, como também dos conhecimentos sobre finanças e economia, não deixou ser enganada quanto ao valor das propriedades a qual desejava comprar. Já, Tia Nastácia era uma excelente cozinheira e costureira, acostumada a consertar o Visconde.

Enquanto Dona Benta falava-lhes das histórias da literatura clássica, Tia Nastácia contava contos populares, entre eles a de “Um burrinho que morreu de tanto pensar” (LOBATO, 2010, p. 51). A preta era completamente ignorante aos assuntos literários, certo dia pegou o escudo do Don Quixote para usar como gamela. Mesmo com tamanha ignorância sobre o Mundo das Fábulas ela transmitia seu conhecimento.

Dona Benta se mostrava uma líder eficaz, quando ficava em dúvidas recorria a Tia Nastácia, às crianças, e aos demais personagens para buscar uma solução. Ela não subestimava o conhecimento dos demais, mesmo possuindo um grande conhecimento e experiência de vida.

Tia Nastácia, ao ficar doente por causa das malandragens da Emília, a solução era “Encontrar o Doutor Caramujo, ótimo; se não, um curandeiro qualquer serviria” (LOBATO, 2010, p. 94). Vale lembrar que nesse contexto havia os curandeiros, que eram até mais comuns do que os médicos. Esses curandeiros não possuíam nenhuma formação acadêmica em Medicina, mas com seus conhecimentos populares ajudavam a amenizar a dor dos enfermos.

### 3.5 A Interdisciplinaridade no Sítio do Pipapau Amarelo

Conforme Rodrigues Júnior (2007), a abordagem de Lobato no Sítio do Picapau Amarelo se torna indisciplinar através das narrativas com incidentes, surpresas, casos fantásticos e imaginários. Abordando assuntos do dia a dia dentro de outro mundo. O Mundo das Maravilhas.

Não será aprofundado aqui o tema da interdisciplinaridade em si, mas destacado a presença de algumas áreas do conhecimento de forma bem específica durante a narrativa:

#### a) *Língua portuguesa*

A presença de poemas:

Vento e brisas daquém e dalém  
 Passarinhos e borboletas  
 Esta resposta ao Polegar levade,  
 Depressa, depressa, se não... (LOBATO, 2010, p. 16)

Durante a leitura da obra é possível perceber que o autor valoriza as variações linguísticas, ora utiliza da linguagem culta ora utiliza da linguagem coloquial. Como também onomatopeias e outras figuras de linguagem durante a narrativa.

#### b) *Ciências*

Lobato compara a alegria das crianças a ebulição da água: “O assanhamento da criança subiu a cem grau, que é o ponto de fervura da água. Ficaram todos borbulhentos de alegria” (LOBATO, 2010, p. 13). Além disso, faz uso da figura de linguagem chamada de hipérbole.

Cada animal citado pela Marquesa no Bar do Elias Turco mostra seu conhecimento sobre o habitat natural de cada animal:

- Pois é – dizia a Marquesa para o Visconde, muito baixinho, mas de modo que os homens ouvissem -, a bicharia já está embarcada: duzentos, cem machos e cem fêmeas – e rinocerontes dos mais ferozes, caçados de fresco em Uganda, lá no sul da África...  
 [...]  
 Depois vêm os leões que estão sendo caçados – trezentos leões! E mais 150 tigres de Bengala. Daqueles que só se alimenta de gente. E há as panteras-negras – cem. Isso sem falar nos ursos-brancos do polo, nem nos lobos da Rússia, nem naquelas cobras da Índia que têm cabelo, venenosíssimos. (LOBATO, 2010, p. 18)

Na mesma discussão, a Marquesa trata da diferença entre os animais selvagens dos domesticados. Já Visconde fica encantado por Quimera ser contrária às leis da fisiologia, “ciência que estuda o funcionamento do corpo dos animais” (LOBATO, 2010, p. 35).

A força gravitacional também teve seu espaço no Sítio. Ao lutar com João-de-Barro, o Pequeno Polegar foi um refém desta lei. “A força da gravidade atraiu-me para o centro da Terra, isto é, fez-me cair”. (LOBATO, 2010, p. 35)

Durante a narrativa heroica de Belorofonte a anatomia ganhou espaço.

Pedrinho mostrou em si qual era a veia carótida, que nos degolamentos os degoladores cortam.

[...]

- Bem diz a vovó que é nas glândulas serve que estão todos os segredos do nosso corpo – lembrou Pedrinho. – Cada glândula serve para uma coisa; governa uma coisa. Existe, por exemplo, uma glândula tireoide que governa o crescimento dos animais. Se ela funciona com muita força, sai gigante; se ela cochila, sai anão. (LOBATO, 2010, p. 53)

Lobato trata também das doenças nas embarcações: “-Sinhá diz que limão é bom contra uma tal doença de navio chamada ‘escrubuto’ – Explicou ela, estropiando a palavra escorbuto”. (LOBATO, 2010, p. 87).

#### c) *História*

O autor compara Emília a Floriano Vieira Peixoto (1839-1895), o segundo presidente do Brasil nos anos de 1891 a 1894, sendo um dos seus lemas “confiar desconfiando”. Muitas discussões ocorrem sobre Peixoto como presidente do Brasil. “- Minha cara – respondeu Emília com o maior desplante -, eu já virei uma Floriana Peixoto: confio desconfiando...” (LOBATO, 2010, p. 15)

Dona Benta apresenta um olhar crítico para com os historiadores. Para ela “Os historiadores costumam arranjar os fatos do modo mais cômico para eles; por isso a História não passa de histórias” (LOBATO, 2010, p.29)

Emília parece ser conhecedora da matéria de História, em conversa sobre os mares ela cita Fernão de Magalhães, “O que deu a volta ao mundo” (LOBATO, 2010, p. 42), nos anos de 1519 até 1522. Lobato também aborda na narrativa do Sítio as duas Grandes Guerras Mundiais.

#### d) *Geografia*

Países citados no *Sítio do Picapau Amarelo*: Uganda, Rússia,

Continentes: África; Ásia;

Quando Branca de Neve chega ao sítio, Emília se depara com alguns problemas geográficos não planejados, como: não havia loteamento para organizar os terrenos, não havia estradas, não havia pontes. Era necessário abrir estradas, e organizá-los no sítio. Não levou muito tempo para ter bairros dentro do sítio, entre eles, o bairro dos gregos.

Os anões de Branca estavam encantados com os “diamantes extraído seio da terra” (LOBATO, 2010, p. 33). Os vulcões também entram na narrativa. “O visconde refletia consigo que estava diante de um mostro muito velho, de milhares de anos e já extinto – como os vulcões que apenas fumegam” (LOBATO, 2010, p. 34).

O tamanho dos mares em relação à terra. “Os mares têm o defeito do tamanho. Muito grandes. O menos ainda é grande em comparação com as terras, porque há no globo três quartas partes de mar para uma de terra firma”. (LOBATO, 2010, p. 41)

Belorofonte cita o deserto da Lícia e o apresenta. A Lícia pode ser explorada tanto nas disciplinas de Geografia como de História. Ele destaca a caverna e também a nascente de águas cristalinas que dá vida aos córregos e rios, a fonte.

O castelo de Branca de Neve é invadido pelo mar, uma enchente ou ressaca os coloca em sérios riscos, como também apresenta um Tsunami que ocorre na obra: “O mar vem vindo engolindo todas as terras!”(LOBATO, 2010, p. 56)

#### e) *Matemática*

Além da quantidade de animais citados por Emília no bar do Elias Turco e da quantia oferecida pelas terras a serem compradas por Dona Benta, ainda outros termos e raciocínios matemáticos são utilizados.

- Pois eu aqui levo a vida bem melhor – disse o Conselheiro. – Todos são meus amigos e todos muito leves. Emília pesa, no máximo, uns cinco quilos; o Senhor Visconde não pesa mais de meio. Pedrinho eu calculo em trinta; e Narizinho, em outro tanto. De modo que já perdi a memória do que é carregar no lombo mais de três arrobas.

- Já não posso dizer o mesmo –suspirou Rocinante. – Meu amo, apenas de ser só ossos, pesa mais de cinco arrobas; e a sua armadura, com mais a lança, a espada, pesa mais duas. Regulo carregar, permanentemente, aí umas sete arrobas. É peso! (LOBATO, 2010, p.28)

Os exemplos acima são alguns dos diferentes conteúdos estudados em sala de aula. Lobato, no *Sítio do Picapau Amarelo* não é apenas antirracista, mas também contribui muitíssimo para uma educação através da imaginação.

Sendo assim, esta pesquisa se uni ao pensamento de Romano (2010), e acredita que será de grande contribuição a volta de Lobato para a sala de aula.



## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi desenvolvida como parte obrigatória para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pela Universidade Aberta do Brasil (UAB) em parceria com a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Ao finalizar este trabalho, conclui-se que as obras de Lobato contribuem no desenvolvimento dos alunos na educação básica. Não havendo contra ele, pelo menos na obra *O Sítio do Picapau Amarelo*, nenhuma evidência de racismo, ou algo do gênero. Ainda que, haja uma linha de estudiosos com pensamento contrário.

A pesquisa não tem por objetivo convencer, mas apresentar dados levantados a partir de dois pensamentos opostos, analisando-os na leitura de uma das obras do autor em estudo, que durante a leitura analítica observou-se veracidade dos apontamentos de Romano (2010), e as imensas possibilidades de se trabalhar a partir da obra lobatiana. Não cabe aqui realizar esse julgamento, mas trazer para a discussão a polêmica e levar à reflexão de que não podemos seguir a linha de pensamento da “cultura do cancelamento”. Além de que a discussão e análise devem se pautar na obra do escritor e não na biografia, realizando sempre um diálogo com o texto, com o autor, com o contexto de produção e com o contexto atual. Sendo assim, não há justificativas para considerar a presença das obras de Lobato como inadequada em sala de aula, pois o autor faz parte dos considerados um grande personagem da nossa história, que assim lembrando: “Os adultos lembram saudosos o Lobato escritor e editor. Mas as crianças sabem que ele não morreu. Continua vivo no corpo de uma boneca de pano e de um sabugo de milho” (*GRANDES PERSONAGENS DA NOSSA HISTÓRIA*, 1987, p. 96). Desta forma, as questões de cunho racista presentes nas obras de Lobato devem servir de análise e discussão para questionar o seu uso naquela época e como esse pensamento perdura até hoje, embora parte da sociedade tenha se evoluído nesse quesito. No entanto, as conquistas têm sido com muita luta e aos poucos tem ganhado espaço para a classe se impor e empoderar.

A partir dessa primeira pesquisa, acredita-se que ela abre oportunidades para outras análises, como por exemplo: o possível racismo na utilização dos termos “preta” e “negra” em referência à Tia Nastácia na obra *Histórias de Tia Nastácia*, de Lobato; ou ainda, desenvolver uma análise literária nas obras lobatianas, com objetivo de reconstruir a sociedade da época de Lobato.

## REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, Aluizio. O racismo em Monteiro Lobato, segundo a leitura de afogadilho. **Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 355-407, maio-agosto 2016.

ARRUDA, Alexandre A; ALBONO, Fernando; MELLO, Izabel C. V. **Hermenêutica**. 2. ed. Joinville: Faculdade Teológica Refidim, 2006.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=282504> Acessado em: 22 set. 2020 às 11h30.

CAMARGO, Evandro do Carmo. Algumas notas sobre a trajetória editorial de *O Saci*. In: LAJOLO, Marisa; Cerccantini, João Luís. **Monteiro Lobato, livro a livro**. Obra infantil. São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado S/A – IMESP, 2009. p.87 - 99.

FARIA, Maria Alice. Belmonte ilustra Lobato. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. **Monteiro Lobato, livro a livro**. Obra infantil. São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado S/A – IMESP, 2009. p.53 - 63.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. **Grandes personagens da Nossa História: Período Republicano**. 2. ed. Vol. III. São Paulo: Nova Cultura Ltda, 1987.

JUNIOR, J. F.; NASCIMENTO, L.; EISENBERG, Z. W. Monteiro Lobato e o Politicamente Correto. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. vol. 56, p. 69-108, 2013.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. **Monteiro Lobato, livro a livro**: Obra infantil. São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado S/A – IMESP, 2009.

LOBATO, Monteiro. **O Picapau Amarelo**. Ilustrações Paulo Borges. 2. ed. São Paulo: Globo, 2010.

RODRIGUES JÚNIOR, Alvaro Gabriele Bento. **O Sítio-Labirinto de Monteiro Lobato: Hipermídia e Construção de Conhecimento**. Dissertação (Mestrado em Educação, Artes e História da Cultura) – Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

ROMANO, Patrícia. A. B. Monteiro Lobato: Um escritor para ser redescoberto na sala de aula. **Revista EntreLetras**, Araguaína, TO, n.1, p. 208-221, 2010.

SILVA, Renata; URBANESKI, Vilmar. **Metodologia do trabalho científico**. Indaial: Uniassevi, 2009.